

A desigualdade não fica à porta da escola

18.10.2012 às 16h09

|  0



Análise. Condições económicas das famílias, habilitações dos pais e composição do corpo docente influenciam decisivamente os resultados.

ISABEL LEIRIA E JOANA PEREIRA BASTOS

Pode não ser surpreendente, mas agora é inequívoco. Pela primeira vez desde que os rankings começaram a ser publicados, em 2001, foi possível cruzar os resultados dos exames nacionais com a origem social dos alunos. E a análise não deixa margem para dúvidas: tanto as condições socioeconómicas como os anos de escolaridade dos pais influenciam decisivamente as notas alcançadas nas provas.

Há exceções, mas a regra é clara. As médias das escolas são tendencialmente mais baixas quanto maior é a percentagem de alunos carenciados. E quanto mais elevadas forem as habilitações dos pais, melhores são os resultados. "Há uma correlação estatisticamente significativa entre estas variáveis", conclui a investigadora na área das ciências sociais Cátia Nunes, que fez este estudo para o ranking Expresso/SIC, a partir da análise de 450 agrupamentos e secundárias não agrupadas.

Duas escolas, uma do início e outra do fim da lista, ilustram esta relação. No caso da Infanta Dona Maria (Coimbra), a escola pública com médias mais

altas, há apenas 9,8% de alunos carenciados – cerca de três vezes menos do que a média nacional para este nível de ensino – e a média de anos de escolaridade dos pais ronda os 15 anos, muito acima da qualificação média dos portugueses.

Já a secundária de Resende, que teve o segundo pior resultado no país, tem 82% de alunos carenciados e, em média, os pais não foram além do 6º ano.

Os dados de caracterização das escolas (fornecidos pelo Ministério da Educação e explicados no texto ao lado) permitiram também avaliar o impacto da composição do corpo docente nos resultados dos exames nacionais. E também aqui se verificou uma correlação: a presença de mais professores dos quadros, com mais anos de experiência e maior antiguidade na escola, tem um efeito positivo, embora ligeiramente menos determinante do que a origem social dos alunos. Ainda assim, trata-se em todos os casos de efeitos "moderadamente expressivos", diz Cátia Nunes.

Os resultados não surpreendem quem estuda estas questões. "Apesar de todas as mudanças realizadas nos últimos 50 anos, na sociedade em geral e no sistema educativo em particular, o peso da 'estrutura social' continua a ser muito forte", afirma Benedita Portugal e Melo, investigadora do Instituto de Educação da Universidade de Lisboa (UL) e autora de uma tese de doutoramento sobre os efeitos dos rankings.

Antes, a condição socioeconómica determinava quem frequentava a escola e quem ficava de fora. Hoje, com a democratização do ensino, as desigualdades estão "muito presentes no interior do sistema educativo", comenta a investigadora. Por isso, "não é de admirar que os resultados escolares dos estudantes evidenciem essa desigualdade".

Mas a origem social não tem de ser uma fatalidade, ressalva Benedita Portugal e Melo. "A ação dos professores e a forma como se estrutura a organização escolar podem contrariar ou atenuar bastante o determinismo das variáveis culturais e económicas".

Maria Manuel Vieira, investigadora do Instituto de Ciências Sociais da UL, corrobora a análise. "Os dados sublinham um dado muitas vezes esquecido: a importância decisiva da experiência profissional dos professores na qualidade

dos desempenhos dos alunos."

A investigadora sublinha ainda que a influência da origem social nos resultados tem menos peso nos países mais desenvolvidos, que garantem maior igualdade de oportunidades. "Apesar dos esforços feitos nas últimas décadas, Portugal está ainda muito longe desse patamar."

Discriminação positiva

Perante as conclusões deste cruzamento entre as médias dos exames e fatores socioeconómicos e de organização escolar, as duas investigadoras consideram que o Estado deve reforçar a discriminação positiva das escolas com mais alunos carenciados. Maria Manuel Vieira defende, além disso, que é necessário dar mais autonomia aos estabelecimentos de ensino para "ensaiarem modalidades de resposta mais adequadas às dificuldades concretas dos alunos".

Conhecendo-se agora melhor o peso da origem social no desempenho nos exames nacionais, faz sentido comparar escolas com realidades socioeconómicas totalmente distintas? Maria Manuel Vieira diz que não. "O debate sobre os rankings insiste na comparação entre público e privado. Mas essa comparação é inconsequente, uma vez que os subsistemas se regem por critérios diferentes: o da inclusão universal, no caso das escolas públicas; e o da seleção dos alunos, nas outras", critica.

A investigadora salienta ainda que o leque de opções educativas ao dispor dos pais "continua a depender muito dos recursos económicos e culturais", agravando as desigualdades de origem.

Um ranking mais completo

Há 12 anos, o Ministério da Educação (ME) aceitou divulgar pela primeira vez os resultados dos exames nacionais por escola. Desde então, os jornais têm publicado as listas dos estabelecimentos de ensino secundário ordenados com base nas médias. A inexistência de outros dados de caracterização das escolas sempre gerou críticas. Até porque, defende a investigadora Maria Benedita

Portugal e Melo, não é possível medir a qualidade do ensino através de um "único instrumento quantitativo e de forma tão simplista".

Este ano, o ME disponibilizou uma outra base de dados, com vários indicadores por agrupamento ou escola secundária: o número de alunos apoiados pela ação social; a média de anos de escolaridade do pai e da mãe e os grupos profissionais; a percentagem de professores dos quadros ou ainda as taxas de conclusão de cada ciclo de escolaridade. Por agora, esta informação só está disponível para as escolas públicas e diz respeito a 2010/2011.

Há outras falhas, como a ausência de registos para algumas escolas ou elevadas taxas de não resposta, no caso das habilitações dos pais. E faltam dados que permitam apurar qual a evolução dos alunos ao longo de um ciclo de estudos, lembra por seu lado a investigadora do ICS Maria Manuel Vieira. Apesar das lacunas, o retrato do sistema é agora mais completo.

Texto publicado no caderno destacável "Ranking das escolas Expresso/SIC" na edição do Expresso de 13 outubro de 2012

Palavras-chave

DESTACAVEL

QEM

RANKING ESCOLAS

EXPRESSO/SIC

